

RECADO DE PARIS

PARIS, junho — Jean-Louis Curtis divulga, sob o título "Morte da literatura burguesa", um trecho de um estudo que vai publicar. Fala com mal disfarçada inveja (tem 33 anos) dos escritores de outra geração, como Proust, Charles Du Bos, Valéry Larbaud, dizendo que "esses escritores não perderam a vida, em primeiro lugar porque não tiveram de ganhá-la". Eles puderam "ficar no Jardim, a colher os frutos mais preciosos da Arvore do Conhecimento; grandes devoradores de livros, grandes amadores de almas, de museus e de sensações, eram belos monstros doces e dourados, eram suntuosos parasitas. Seu apetite crescia à medida que era satisfeito, como a concupiscência da rainha Gertrude".

Acrescenta que nada é mais fascinante que seguir, nos diários íntimos desses artistas, os progressos dessa terrível bulimia intelectual, dessa ruminação paciente e enervada do belo saber. Eram capitalistas de cultura e da cultura, que tinham à sua disposição o mundo e o tempo, podiam se dar ao luxo de descobrir Florença ou Bagdá, Atenas, Siracusa...

Mas hoje, acrescenta (é uma alusão a Gide, que está na Sicília), são poucos os escritores que podem passar o inverno em Taormina. Tendo de ganhar a vida "em luta com o monstro", o escritor da nova geração lê depressa e mal, corre os museus em passo de ginástica. Como conciliar as exigências do trabalho com as da vida? Esse velho dilema é o drama do jovem escritor: e ele não tem bastante tempo nem dinheiro para resolvê-lo. "Uns fazem doze horas de trabalho por dia, beneditinos da literatura; outros recuam diante de um sacrifício tão completo. Querem viver também. Se têm talento e sorte, têm o direito de esperar que suas obras lhes proporcionarão um dia bastante segurança e independência para que afinal possam meditar sobre "o livro" que desejariam escrever. Mas, quando esse dia vier, as fontes estarão secas, e não restará nelas mais nada de vivo, com um desprezo de velhos macacos pelas suas próprias caretas e pelas dos confrades, além da nostalgia das alegrias que não tiveram... Enquanto esperam, o remorso de não trabalhar estraga seus prazeres; o espectro dos prazeres sacrificados invade seus trabalhos. Quando não exercem uma "segunda profissão" devem, na maior parte dos casos, comprometer-se mais ou menos no que chamam "literatura alimentar". Compreende-se assim porque não é fácil para eles ascender a essa cultura desinteressada, universal, englobando todas as manifestações do espírito e da arte que é definida pelo termo "humanismo".

Além disso — diz mais para a frente Curtis —, "os problemas que os solicitam com maior urgência não são os de ordem artística, mas filosóficos, ou política ou social. "Se vão a Florença é para rodar um filme, ou participar de um Congresso da Paz; se vão a Bagdá, é como enviados de um grande jornal para estudar no local os problemas do Oriente Próximo; na Grécia, são correspondentes de guerra".

E acaba com esse retrato dos jovens intelectuais de nosso tempo: "São geralmente magros, secos, nervosos, com os olhos frios e alguma coisa de motorizado no gesto. Formam uma espécie nova, menos amável que a antiga — a dos grandes sáurios diletantes da era burguesa —, menos indulgente, mais agressiva, talvez melhor adaptada. Eu gostaria de ler seus diários íntimos, mas não estou certo de que tenham o tempo nem o gosto de escrevê-los".

13.6.50 R. B.